



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA  
CAMPUS PEDREIRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**RODRIGO OLIVEIRA DA CONCEIÇÃO**

**REPRESENTAÇÃO HOMOAFETIVA EM *OUTONO DE CARNE ESTRANHA* DE  
AIRTON SOUZA**

Pedreiras – MA  
2025

**RODRIGO OLIVEIRA DA CONCEIÇÃO**

**REPRESENTAÇÃO HOMOAFETIVA EM *OUTONO DE CARNE ESTRANHA* DE  
AIRTON SOUZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras  
Língua Portuguesa e Literatura de Língua  
Portuguesa, como requisito para o grau de  
licenciatura em Letras Língua Portuguesa e  
Literatura de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira

Conceição, Rodrigo Oliveira da.

Representação homoafetiva em Outono de Carne Estranha de Airton Sousa / Rodrigo Oliveira da Conceição. - Pedreiras - MA, 2025.

40 f.

Monografia (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira.

1. Literatura queer. 2. Homoafetividade. 3. Outono de carne estranha. 4. Airton Souza. 5. Serra pelada. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)


RODRIGO OLIVEIRA CONCEIÇÃO

**REPRESENTAÇÃO HOMOAFETIVA EM *OUTONO DE CARNE ESTRANHA* DE  
AIRTON SOUZA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
coordenação do curso de Licenciatura em Letras  
Língua Portuguesa e Literaturas de Língua  
Portuguesa da Universidade Estadual do  
Maranhão como requisito para o grau de  
Licenciatura em Letras


Aprovado em 22 de dezembro de 2025

**BANCA EXAMINADORA**

Documento assinado digitalmente  
 **RUBENIL DA SILVA OLIVEIRA**  
Data: 21/01/2026 05:48:41-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Prof. Dr<sup>o</sup>. Rubenil da Silva Oliveira  
Orientador/Presidente

Documento assinado digitalmente  
 **REGILANE BARBOSA MACENO**  
Data: 21/01/2026 11:03:45-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Regilane Maceno  
1<sup>o</sup> examinador(a)

Documento assinado digitalmente  
 **RONDINEY DE SOUZA ALVES**  
Data: 21/01/2026 10:17:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof. Me. Rondiney de Souza Alves  
2<sup>o</sup> examinador(a)

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso aos meus alunos, aos iguais a mim, aos que trabalham pela valorização daqueles que vivem à margem da sociedade. Dedico este trabalho, especialmente à um menino sonhador, que apesar do passar dos dias, permanece menino e sonhador.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço aos meus professores por compartilharem seu conhecimento comigo e contribuírem com a minha formação. Meus sinceros agradecimentos, especialmente ao Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira, por mostrar um caminho incrível que posso trilhar e agradeço, inclusive, por ser inspirador. Agradeço aos colegas que estiveram ao meu lado nessa trajetória, cada um ajudou-me à sua maneira. Gratidão aos meus pais Nega (Marlene) e Gilvan, que desde a minha infância, acreditaram que sou inteligente e me convenceram disso. Obrigado Deus!

## ÉPIGRAFE

*“Hoje eu queria muito agradecer a mim porque eu não desisti”.*

*ANITTA*

## RESUMO

Esta monografia tem como objetivo principal analisar a representatividade homoafetiva presente na obra *Outono de Carne Estranha*, de Airton Souza, buscando identificar as formas de expressão da homoafetividade, traçar um paralelo entre a obra e as teorias de gênero e sexualidade, e refletir sobre o silenciamento dos corpos queers. A pesquisa é de natureza bibliográfica, fundamentada em livros e periódicos, e utiliza a pesquisa quantitativa para contextualizar a violência contra a comunidade LGBTQIAPN+. O corpus de análise é o romance de Airton Souza, e o tratamento dos dados é qualitativo, aplicando as perspectivas críticas de Judith Butler sobre a performance de gênero e de Eve Kosofsky Sedgwick acerca da epistemologia do armário. A análise revela que a obra, ambientada no contexto brutal e hipermasculinizado do garimpo de Serra Pelada nos anos 1980, constrói a relação homoafetiva entre os garimpeiros Manel e Zuza como um ato de resistência e uma forma de afeto e sobrevivência em meio à violência e ao autoritarismo. A narrativa expõe corpos marcados pela exploração e por uma sexualidade que desafia a heteronormatividade, utilizando o amor como mecanismo de rompimento ao cotidiano opressor. A pesquisa conclui que a obra não apenas dá voz a experiências historicamente marginalizadas, mas também utiliza a relação homoafetiva como um desafio às normas sociais, destacando a importância da literatura homoafetiva na promoção da visibilidade e da compreensão da diversidade sexual e de gênero, apesar do silenciamento final imposto aos corpos queers na trama.

**Palavras-chave:** Literatura *queer*; homoafetividade; outono de carne estranha; Airton Souza; serra pelada.

## ABSTRACT

This monograph's main objective is to analyze the homoaffective and homoerotic representation present in Airton Souza's work *Outono de Carne Estranha* (Autumn of Strange Flesh), seeking to identify the forms of expression of homoaffectivity, draw a parallel between the work and gender and sexuality theories, and reflect on the silencing of queer bodies. The research is bibliographic in nature, based on books and periodicals, and uses quantitative research to contextualize violence against the LGBTQIAPN+ community. The corpus of analysis is Airton Souza's novel, and the data treatment is qualitative, applying the critical perspectives of Judith Butler on gender performance and Eve Kosofsky Sedgwick on the epistemology of the closet. The analysis reveals that the work, set in the brutal and hyper-masculinized context of the Serra Pelada gold mine in the 1980s, constructs the homoaffective relationship between the miners Manel and Zuza as an act of resistance and a form of affection and survival amidst violence and authoritarianism. The narrative exposes bodies marked by exploitation and a sexuality that challenges heteronormativity, using love as a mechanism to break away from the oppressive daily life. The search concludes that the work not only gives voice to historically marginalized experiences but also uses the homoaffective relationship as a challenge to social norms, highlighting the importance of queer literature in promoting the visibility and understanding of sexual and gender diversity, despite the final silencing imposed on queer bodies in the plot.

Keywords: Queer literature; homoaffectivity; outono de carne estranha; Airton Souza; aerra pelada.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Gráfico 1</b> - Evolução dos assassinatos de homossexuais no Brasil entre 1963 e 1999 .....	22
<b>Gráfico 2</b> - Número De Mortes Violentas De LGBTIAPN+ No Brasil Entre 2000 a 2022 ....	25

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2</b>	<b>LITERATURA E HOMOAFETIVIDADE:</b> conceitos e historiografia .....	11
<b>2.1</b>	<b>Breve história da literatura homoafetiva no Brasil</b> .....	16
<b>2.2</b>	<b>Homoafetividade e violência:</b> dados socioantropológicos .....	19
<b>3</b>	<b>IDENTIDADE E HOMOAFETIVIDADES:</b> do real ao imaginário .....	26
<b>3.1</b>	<b>Identidades homoafetivas:</b> conceitos e descrição .....	26
<b>3.2</b>	<b>Breve cartografia da homoafetividade na literatura contemporânea</b> .....	28
<b>4</b>	<b>HOMOAFETIVIDADES EM OUTONO DE CARNE ESTRANHA</b> .....	31
<b>4.1</b>	<b>Airton Souza e a luzes sobre o homoafeto em um tempo e lugar hostis</b> .....	33
<b>4.2</b>	<b>Performances amorosas de Manel e Zuza</b> .....	35
<b>4.3</b>	<b>Fechando a cortina:</b> o silenciamento do homoafeto em Outono de carne estranha .....	36
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura contemporânea, tem se consolidado como um espelho das transformações do mundo atual. Caracterizada por uma notável diversidade de temas, ela transcende as fronteiras tradicionais, acolhendo narrativas que exploram inúmeras questões sociais urgentes. Essa amplitude temática permite que a literatura contemporânea não apenas reflita, mas também dialogue ativamente com as realidades e os dilemas da sociedade, oferecendo múltiplas perspectivas sobre a condição humana.

Nesse cenário de movimentação literária, a presente monografia volta seu olhar para a obra *Outono de Carne Estranha*, do autor Airton Souza. A escolha deste romance não é aleatória; ela se insere no contexto da crescente relevância de obras que abordam o universo LGBTQIAPN+, contribuindo para a visibilidade e a discussão de temas que, por muito tempo, foram marginalizados ou silenciados na produção literária.

A partir da representação dos personagens masculinos: Manel e Zuza, dois garimpeiros que mantêm um relacionamento homoafetivo<sup>1</sup> em um cenário como Serra Pelada, com um cotidiano brutal no garimpo, *Outono de Carne Estranha*, de Airton Souza, que se passa nos anos de 1980, durante a corrida pelo ouro, é organizado em 17 capítulos curtos, em que a sequência não linear, evidencia a desorganização mais ou menos geométrica da cava de extração no interior de Serra Pelada, onde é apresentado o cotidiano de Manel e Zuza, as dificuldades enfrentadas por eles em um contexto opressivo, de violência e autoritarismo, que os dois tentam burlar por meio do amor.

A leitura de *Outono de Carne Estranha* de Airton Souza revelou uma complexa rede de linhas argumentativas, que se entrelaçam com as teorias de Judith Butler (2022) sobre a performance de gênero e Eve Kosofsky Sedgwick (2007) acerca da epistemologia do armário. A obra, ao expor corpos marcados pela exploração, violência e uma sexualidade que desafia as normas heteronormativas no contexto de Serra Pelada, oferece um campo vasto para a aplicação dessas visões críticas. Diante disso, o questionamento central que impulsiona esta pesquisa emerge: de que maneira a representatividade homoafetiva se manifesta em *Outono de Carne Estranha*, de Airton Souza, e como essa representação dialoga com as teorias de gênero e sexualidade contemporâneas?

---

<sup>1</sup> Usar-se-á os termos homoafetivo(a)/homoafetividade, nesse trabalho, com maior frequência, por sua ampliação semântica, pois se refere tanto à relação sexual como à relação afetuosa, que envolvam pessoas de um mesmo sexo.

Este trabalho estará estruturado em capítulos que aprofundarão cada um dos objetivos propostos, iniciando com a presente Introdução, seguido por três capítulos, sendo eles: Literatura E Homoafetividade: conceitos e historiografia; em seguida Identidade E Homoafetividades: do real ao imaginário; depois Homoafetividades Em *Outono De Carne Estranha*; finalmente as Considerações Finais e as Referências Bibliográficas. A expectativa é que esta pesquisa contribua para a compreensão da representatividade LGBTQIAPN+ na literatura brasileira contemporânea, oferecendo novas perspectivas sobre a obra de Airton Souza e o diálogo entre a ficção e as teorias de gênero e sexualidade, além de breve discussão sobre violência contra homossexuais.

As produções literárias das últimas décadas até os dias atuais, caracterizam-se principalmente pela diversidade que, acolhe múltiplos estilos, temas e formas. A literatura contemporânea, tematicamente, reflete as complexidades e fragmentações do mundo atual, abordando questões sociais urgentes como desigualdade, crises políticas, ambientais e violências nas várias possíveis esferas, além de abordar a subjetividade, explorando a memória, a intimidade e as identidades fluidas.

Pensando neste conceito surge o desejo de analisar uma obra que trouxesse em seu conteúdo a diversidade, as questões sociais e que, junto com elas evidenciasse também a intimidade, a identidade e que estivessem amarradas ao universo LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Queer, Itersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-Binários e demais orientações sexuais e gênero). Assim, surge a obra *Outono de Carne Estranha* de Airton Souza por indicação do professor Rubenil, pesquisador da literatura Queer<sup>2</sup>, docente na Universidade Estadual do Maranhão Campus Pedreiras, orientador deste projeto de pesquisa de trabalho de conclusão de curso.

A obra, ambientada no contexto brutal de Serra Pelada, expõe corpos marcados pela exploração, pela violência e por uma sexualidade que desafia as regras héteros, tornando-se um terreno fértil para aplicação dessas visões críticas. Além disso, apresentou-se como característica importante para esta pesquisa, analisar como o amor homoafetivo se constrói neste cenário adverso, investigando de que maneira a narrativa homoafetiva utilizada por Airton Souza não apenas evidencia essa relação, mas também desafia normas e oferece novas perspectivas sobre desejo e resistência. Além disso, busca-se explorar os possíveis paralelos entre a ficção criada pelo autor e a realidade histórica de Serra Pelada, refletindo sobre o

---

<sup>2</sup> Utiliza-se o termo Queer “guarda-chuva” para se referir a identidades e expressões de gênero e sexualidades que não se enquadram nos padrões dominantes na heteronormatividade.

encontro de iguais e o surgimento do afeto em meio à desordem e à busca pela sobrevivência e pela riqueza.

Considerando as avaliações feitas sobre a obra *Outono de carne estranha* de Airton Souza, surge o questionamento sobre a possível proveniência desses personagens e como suas histórias anteriores e seus relacionamentos no garimpo podem representar um segmento específico da população, refletindo sobre a capacidade da literatura dar voz a públicos e experiências frequentemente silenciadas. Outro aspecto que justifica a escolha da obra é o fato de que os personagens Zuza e Manel são oriundos do Maranhão, inclusive o último de Trizidela do Vale, cidade Vizinha à Pedreiras.

Quanto ao objetivo geral, almeja-se analisar sobre a representatividade homoafetiva e homoerótica presentes em *Outono de Carne Estranha* de Airton Souza. Dessa maneira, os objetivos específicos são: identificar as formas de expressão da homoafetividade na obra de Airton Souza; traçar um paralelo entre a obra *Outono de Carne Estranha*, de Airton Souza e as teorias de Butler e Sedgwick; refletir sobre o silenciamento dos corpos queers em *Outono de Carne Estranha*, de Airton de Souza.

O tipo de pesquisa empregado será a pesquisa bibliográfica a partir de consulta a livros e periódicos que possam sustentar a discussão levantada, além de utilizar a pesquisa quantitativa no tópico Homoafetividade e violência: dados socioantropológicos a partir da análise de números sobre violências contra a comunidade LGBTQIAPN+. O corpus escolhido para análise foi a obra da literatura contemporânea *Outono de Carne Estranha*, de Airton Souza. Nela concentra-se representações homoafetivas, as quais serão lidas e analisadas a partir das conexões com o pensamento crítico Judith Butler e Eve Kosofsky Sedgwick, além de outros teóricos. O instrumento a ser utilizado será o fichamento dos textos lidos que fundamentam a construção dessa monografia, assim como a obra literária que contém representações homoafetivas em suas várias nuances e os textos de apropriação da teoria filosófica necessários à pesquisa. Os dados serão coletados a partir de pesquisa bibliográfica e leitura do livro selecionado. Esses dados receberão tratamento apoiado no uso do método qualitativo de pesquisa para posterior elaboração da monografia.

## 2 LITERATURA E HOMOAFETIVIDADE: conceitos e historiografia

A literatura brasileira, desde seus primórdios coloniais até as expressões contemporâneas, apresenta narrativas sobre desejos, afetos e identidades que desafiam a normatividade heterossexual. Pensando nessa ideia, que surge um norte para examinar os conceitos que estruturam o campo da literatura homoafetiva, além da tentativa de traçar um panorama historiográfico dessa produção literária no Brasil, dialogando com textos de Carbonel (2012), Rubenil Oliveira (2021), Borges (2024) e Assis e Neto (2024) para enriquecer essa discussão.

A literatura homoafetiva se configura na contemporaneidade, como uma esfera indispensável para o debate acerca da representatividade e da visibilidade da diversidade sexual e de gênero. Isto se deve tanto à afirmação de identidades historicamente marginalizadas, quanto à possibilidade de questionar as normas e estruturas de poder dominantes presentes na sociedade e, por consequência, na produção cultural e literária.

O termo queer, que antes fora utilizado de maneira pejorativa para indicar algo estranho ou desviado, foi ressignificado e tornado “um termo de autoafirmação para a comunidade LGBTQIAPN+” (Borges, 2024, p. 4). No contexto literário, literatura queer refere-se a produções literárias que incorporam identificações e expressões de gênero e sexualidades que não se alinham aos padrões heteronormativos e cisgêneros vigentes. Segundo Borges, “nem todos os autores presentes na antologia *Cuíer*<sup>3</sup> são pessoas queer, mas se enquadram na antologia em função de produzirem literatura que, conforme Costa, Pires e Alves (2023, p. 6), não apenas incluem personagens lésbicos, gays ou transsexuais, mas também concepções múltiplas sobre a sexualidade e o gênero, cuja ruptura com as normas tradicionais de sexualidade, gênero e família destacam-se por meio de artifícios literários a natureza queer do texto” (Borges, 2024, p. 4). Essas obras, portanto, têm como característica central o enfrentamento das margens e a subversão das normas sociais e sexuais, além de questionarem as próprias linguagens e estruturas narrativas hegemônicas, propondo múltiplos modos de existência e de afeto.

A literatura queer se torna fundamental ao disponibilizar espaços de leitura, escuta e visibilidade para as experiências e subjetividades LGBTQIAPN+. Ela contribui para a

---

<sup>3</sup> *cuíer* é uma adaptação em português/português-brasileiro do termo inglês queer, usada especialmente em perspectivas latino-americanas críticas e decoloniais sobre gênero e sexualidade. O livro *Cuíer: Queer Brazil* (2021) usa esse termo justamente para marcar uma leitura queer situada no contexto brasileiro, com atenção a raça, classe, território e às especificidades da experiência LGBTQIAP+ no Brasil.

promoção da compreensão, empatia e aceitação da diversidade sexual e de gênero, rompendo estereótipos e preconceitos historicamente arraigados. Borges (2021) destaca que “a literatura propicia um espaço para que pessoas LGBTQIAP+ sejam lidas, vistas e ouvidas, ajudando a quebrar estereótipos e preconceitos e a promover uma maior compreensão e aceitação da diversidade sexual e de gênero” (Borges, 2024, p. 2). Além disso, a literatura queer inspira sentimentos de pertencimento e comunidade, o que é especialmente relevante para pessoas que, ao longo da história, tiveram suas vivências silenciadas ou retratadas de maneira distorcida.

Assim como o termo queer, a terminologia empregada para designar manifestações literárias que representam relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo passou por significativas transformações. Carregado de conotações patologizantes que surgem a partir do discurso médico-higienista do século XIX, como apontado em:

Essas eram as visões acerca das homoafetividades na cultura colonial, no Império e nas primeiras décadas do Brasil republicano, inclusive a teoria médico-higienista do fim do século XIX a partir dos estudos médicos de Ferreira Leal e mais tarde do Dr. Pires de Castro tratam os homoafetivos como personalidades doentes e que merecem de tratamento médico (Oliveira, 2021, p. 243).

O termo homossexualismo caiu em desuso nas últimas décadas, cedendo espaço para denominações que buscam despir essas relações de estigmas. Movimentos sociais e a comunidade científica trabalharam durante décadas para mudar essa percepção. Um marco crucial foi em 1990, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da sua Classificação Internacional de Doenças (CID). No Brasil, o Conselho Federal de Psicologia deixou de considerá-la um desvio em 1985.

Homoerotismo, conforme proposto por Jurandir Freire Costa, constitui um termo mais abrangente que homossexualismo, pois, segundo o autor “consegue ganhar um embarcamento maior, desrotulando toda carga pejorativa, desenvolvida na sociedade oitocentista, embutida na expressão homossexualidade, mostrando a relação homoafetiva como algo natural da espécie humana” (Costa, 1992, p. 43). Em vez de se concentrar em uma identidade sexual fixa e classificada, o termo enfatiza a dimensão do desejo, do afeto e da erótica que pode ocorrer entre pessoas do mesmo sexo. Isso é visto como uma experiência humana natural, não como uma categoria diagnóstica.

Por sua vez, homoafetividade, termo adotado por Denilson Lopes, amplia ainda mais a análise ao incluir “não somente com o ato sexual, mas com as relações de amizades existentes dentro das entidades homossociais, ou seja, organizações inteiramente compostas por

indivíduos de um único sexo” (Lopes, 2002, p. 38). Essa perspectiva possibilita desconstruir a noção dominante de que as relações afetivas sem intuito sexual entre pessoas do mesmo sexo seriam inexistentes ou desprovidas de sentimentalidade.

A teoria queer, emergida nos anos 1980 e consolidada nos anos 1990, representa um deslocamento epistemológico fundamental. Como ressalta a pesquisa sobre a presença do queer na literatura brasileira, essa teoria surgiu como uma resposta e como uma crítica ao movimento homossexual, uma vez que questionava, problematizava, transformava essencialidades e identidades fixas. A literatura queer não se limita a incluir personagens LGBTQIAP+, mas problematiza concepções múltiplas sobre a sexualidade e o gênero, cuja ruptura com as normas tradicionais de sexualidade, gênero destacam-se por meio de artifícios literários.

## 2.1 Breve história da literatura homoafetiva no Brasil

A história da literatura homoafetiva brasileira constitui uma trajetória marcada por silenciamentos, resistências e visibilidade conquistada gradualmente, refletindo as transformações sociais e culturais do país ao longo dos séculos. Assim, neste tópico busca-se discutir brevemente sobre a história produção literária homoafetiva no Brasil, dialogando com os textos de Faury (1984), Torrão Filho (2000) e Maia (2019) sob a perspectiva do estudo *Historiografia da literatura homoafetiva no Brasil: formação do sistema literário, da colonização à atualidade em três poemas* (2021) e *Literatura Gay e a abordagem dos Estudos Culturais* (2023), de Rubenil da Silva Oliveira, pois, sua produção acadêmica tem sido fundamental para mapear e analisar as representações gays na literatura brasileira e maranhense, desde o silenciamento à visibilidade.

Conforme lido no texto de Oliveira (2023) “a homoafetividade sempre foi representada na poesia, na prosa e no teatro, com as configurações de cada época e em consonância com a percepção de seus autores e do público que os lia ou assistia as suas representações” (Oliveira, 2021, p. 243). A escrita literária de temática gay no Brasil tem seu início no Período Colonial durante a literatura barroca, especificamente na poesia satírica do baiano Gregório de Matos (1636-1696). Embora, conforma a perspectiva de Antônio Candido (1971), não houvesse ainda um sistema literário propriamente dito, pois, só se consolidaria entre os séculos XVIII e XIX, Gregório de Matos foi o primeiro autor na historiografia brasileira a apresentar sujeitos gays em sua obra.

No poema *Marinícolas*, Gregório de Matos aborda a identidade gay masculina de forma satírica e jocosa. O título do poema sugere uma junção entre o nome do Provedor da Casa da

Moeda de Lisboa, Nicolau de Tal, e o termo “maricas”, gíria usada para identificar sujeitos homoafetivos desde o século XVI (Trevisan, 2002, *apud* Oliveira, 2023, p. 82). Sobre a composição, o texto emprega o termo fanchono, que era utilizado desde o século XVI para identificar os sujeitos homoafetivos e terço fanchono para designar o ato sexual entre indivíduos do mesmo sexo. Embora representasse os sujeitos gays, a poética satírica de Gregório de Matos carregava a “desqualificação e zombaria a esses sujeitos, o que faz da sua sátira uma representação do pensamento social do seu tempo” (Trevisan, 2002).

Após o período colonial, é no Romantismo que surgem algumas personagens homoafetivas, como o cabelereiro da Rua do Ouvidor na peça *O demônio familiar*, de José de Alencar. Contudo, é durante o Realismo e Naturalismo que diversas personagens e obras que narram a vida gay conquistam seu espaço, ainda que de forma estereotipada e condicionada pela ordem social vigente.

A obra *Um homem gasto*, de Ferreira Leal, é considerada historicamente significativa:

O livro que apresentamos a seguir é, portanto, importantíssimo do ponto de vista histórico-literário, uma vez que hoje é considerado o primeiro texto em prosa da literatura brasileira a abordar a homossexualidade masculina, ainda que a partir da patologização e da sugestão do suicídio como saída moral para os perversos (Maia, 2019, p. 19).

Aí está um exemplo de dinâmica entre censura e redescoberta. A importância histórica do livro reside em representar o primeiro texto em prosa da literatura brasileira a abordar explicitamente a homossexualidade masculina. Contudo, a caracterização preconceituosa busca deslegitimar essas obras através de categorias morais, não literárias, justificando assim sua exclusão do cânone e sua supressão comercial e acadêmica. Durante décadas, obras sobre homossexualidade foram suprimidas por censura explícita, o impedimento à leitura e circulação de obras literárias de temática homoafetiva não é um problema estético ou literário, mas fundamentalmente social, enraizado no preconceito.

Em *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, a personagem Albino representa o gay de forma “bastante zeloso e pertencente à linha de frente das lavadeiras do cortiço”, porém marcada por estigmas: “ele não tem nenhum envolvimento amoroso, porque sua cama está sempre infestada de formigas, o que demonstra que a sua relação é impura” (Oliveira, 2023, p. 81).

O conto *Acauã*, de Inglês de Sousa, traz a personagem Vitória, descrita de forma demoníaca, associando o corpo gay a uma “possessão demoníaca, aterradora e atemorizante aos

homens” (Oliveira, 2023, p. 82). A descrição da personagem inclui elementos como cabeleira feita de cobras e língua fina, bipartida como língua de serpente, evocando a simbologia do pecado na tradição cristã.

Adolfo Caminha publica *Bom-Crioulo* (1895), considerado o primeiro romance brasileiro que narra a presença da homoafetividade a ganhar a notoriedade do público. A obra representa a violência imposta aos gays através de cenas como cento e cinquenta chibatadas desferidas em Amaro.

No século XX, desde a primeira década, surgem importantes publicações que abordam a temática homoafetiva. Destacam-se os contos *História de gente alegre*, de João do Rio, e *Pílades e Orestes*, de Machado de Assis. Este último narra a condenação dos gays à solidão devido à morte de um dos parceiros do casal amoroso.

Nas décadas seguintes, aparecem *Frederico Gouveia*, de Capadócio Maluco, e *Frederico Paciência*, de Mário de Andrade. A obra de Mário de Andrade representa o afastamento entre os adolescentes Frederico Paciência e Juca, ilustrando a repressão social imposta às relações homoafetivas.

Sobre esse período, observa-se que:

A literatura homossexual passou também por uma fase onde o tema foi abordado das maneiras mais diferentes possíveis, às quais um extremo pudor não é estranho, o que pode espantar-nos, visto que falar de sexo e mais ainda, de homossexualidade, já foi sinônimo de pornografia e sem-vergonhice! (Faury, 1984, p. 15).

Enquanto discursos sociais hegemônicos associavam a homossexualidade à obscenidade e à pornografia, autores e autoridades culturais respondiam com hesitação, precisamente para evitar essa associação comprometedora. Este pudor funcionava simultaneamente como forma de censura internalizada e como estratégia de legitimação literária, permitindo que o tema circulasse nos circuitos letrados sem ser explicitamente condenado.

A década de 1960 representa um período de transformações significativas, “no Brasil, como em várias partes do mundo, um período de liberação sexual, de movimentos por direitos civis e especialmente de luta contra a ditadura militar que governou o país entre 1964 e 1985” (Torrão Filho, 2000, p. 260).

É importante ressaltar uma particularidade brasileira que, diferentemente de outros países onde os movimentos homossexuais lutaram pela descriminalização da homossexualidade, no Brasil ela nunca foi tipificada como crime. Por isso, “no Brasil eles

tiveram de lutar contra um preconceito muito mais encoberto e sutil, que não tinha a lei a seu lado, mas que se espalhava por toda a sociedade; um preconceito que se esconde por trás duma suposta democracia sexual” (Torrão Filho, 2000, p. 260).

## **2.2 Homoafetividade e violência: dados socioantropológicos**

A violência direcionada à população LGBTQIAPN+ no Brasil é um fenômeno social de extrema gravidade, marcado por um crescimento alarmante e por padrões de agressão que revelam um profundo preconceito. A análise dos dados e do contexto social é crucial para a compreensão da dimensão desse problema e para a articulação de medidas de combate eficazes.

Aqui, faz-se um recorte analisando dados sobre a violência ainda da década de 1980 até a contemporaneidade para compreender como a obra *Outono de Carne estranha* de Airton Souza reverbera como denúncia sobre as violências às pessoas LGBTQIAPN+. Assim, utiliza-se autores como Luiz Mott (2000), José Marcelo Domingos de Oliveira (2020), entre outros para dar aporte teórico nesta seção.

Para fins acadêmicos, justifica-se o uso destes textos como suporte teórico por sua utilidade tanto como fonte primária de dados e discursos do movimento homossexual brasileiro na virada do século quanto como referência metodológica para pesquisas contemporâneas sobre violência, memória e direitos humanos da população LGBTQIAPN+.

Nesta seção utiliza-se a pesquisa quantitativa, pois esta, constitui uma abordagem metodológica fundamental para a produção do conhecimento científico. Sua relevância perpassa as fronteiras disciplinares, consolidando-se como instrumento essencial para a compreensão de fenômenos sociais, educacionais e de diversas áreas do conhecimento humano.

A compreensão do conceito de violências faz-se fundamental para a produção de conhecimento qualificado nas áreas de saúde pública, políticas sociais e estudos humanos, especialmente porque deve-se considerar a polissemia que há nesta palavra, ou seja, na multiplicidade de sentidos que o termo pode assumir. Segundo Coelho; Silva; Lindner (2014) nas duas últimas décadas tem ocorrido um aumento importante dos estudos na área da saúde sobre a violência, principalmente devido ao “reconhecimento da dimensão do fenômeno como um grave problema de saúde pública, por sua alta incidência e pelas consequências que causa à saúde física e psicológica das pessoas que sofrem violência” (Coelho, 2014, p. 17).

Segundo Minayo e Souza (1998), a violência pode ser definida como “qualquer ação intencional, perpetrada por indivíduo, grupo, instituição, classes ou nações, dirigida a outrem,

que cause prejuízos, danos físicos, sociais, psicológicos e/ou espirituais” (Minayo e Souza (1998) *apud* Coelho; Silva; Lindner, 2014, p. 12). Na perspectiva da Organização Mundial da Saúde (OMS), conforme apresentado por Krug *et al* (2002):

A violência é definida como o uso intencional da força ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (Krug et al. 2002, *apud* Coelho; Silva; Lindner, 2014, p. 12).

A tipologia proposta pela OMS indica três grandes categorias: violência coletiva, violência autoinfligida e violência interpessoal. Às quais Minayo (2006) acrescenta a violência estrutural, conceituada como aquela que “se refere aos processos sociais, políticos e econômicos que reproduzem a fome, a miséria e as desigualdades sociais, de gênero e etnia” (Minayo e Souza (1998) *apud* Coelho; Silva; Lindner, 2014, p. 13-14). Compreender essas diferentes manifestações e tipologias é essencial, pois permite identificar as fronteiras entre os diversos tipos de violência e suas inter-relações contribuindo para análises mais profundas dos fenômenos sociais.

No contexto da violência contra a comunidade LGBTQIAPN+, essa compreensão torna-se ainda mais relevante, uma vez que esse grupo populacional enfrenta múltiplas formas de violência que se interseccionam: desde a violência estrutural, expressa na discriminação sistemática baseada em orientação sexual e identidade de gênero, até a violência interpessoal manifestada em agressões físicas, psicológicas e sexuais. A análise das tipologias de violência permite evidenciar como a LGBTfobia opera em diferentes níveis sociais e se naturaliza na cultura heteronormativa, gerando exclusão, vulnerabilidade e impactos severos na saúde física e mental das pessoas LGBTQIAPN+.

O período entre as décadas 1980 e 1990 a informação sobre a violência era predominantemente compilada por organizações não-governamentais (ONGs) e ativistas. Essa iniciativa foi crucial para a compreensão da violência contra a população LGBTQIAPN+ no Brasil, pois marca o início da organização de dados e da mobilização ativista em um contexto de intensa repressão e emergência da crise da AIDS.

A homossexualidade, como já discutido em sessões anteriores, era vista como patologia ou desvio, o que resultava na invisibilidade e na subnotificação sistemática dos crimes motivados por ódio. Neste cenário, o Grupo Gay da Bahia (GGB), fundado em 1980, emergiu como a principal fonte de monitoramento e denúncia. O GGB iniciou a coleta de dados sobre homicídios e suicídios de pessoas LGBTQIAPN+ a partir de notícias de jornais, relatos de

ativistas e informações de familiares, tornando-se o registro histórico mais antigo e contínuo do país.

Embora os dados do GGB sejam reconhecidos como estimativas, eles fornecem um panorama da brutalidade da violência no período. O ativista e fundador do GGB, Luiz Mott, compilou os registros que demonstram a escalada da violência no final do século XX no texto *ASSASSINATO DE HOMOSSEXUAIS: Manual de Coleta de Informações, Sistematização & Mobilização Política Contra Crimes Homofóbicos* (2000). A principal contribuição de Mott é mostrar que a violência contra gays, lésbicas, travestis e demais dissidências sexuais não é episódica, mas um padrão sistemático de homicídios e outras violações de direitos humanos, que exige monitoramento contínuo, produção de dados e mobilização política organizada. Por meio da sistematização de 1.830 assassinatos homofóbicos entre 1980 e 1999, o texto demonstra que o Brasil ocupa uma triste liderança mundial nesses crimes, com crescimento acelerado a partir da década de 1980.

A partir desse diagnóstico, o manual busca transformar a contagem de mortos em instrumento político de denúncia, memória e pressão sobre o Estado, o que o torna um documento de alta relevância histórica, sociológica e militante para a leitura da violência contra a comunidade LGBTQIAPN+. O manual busca combater diretamente a tendência de classificar esses homicídios como “crimes passionais”, alegando ser “impróprio referir-se aos crimes contra homossexuais como crimes passionais”, reservando essa denominação a situações em que há de fato um conflito afetivo específico (Mott, 2000). Ainda assim, observa-se que mesmo em conflitos passionais entre pessoas do mesmo sexo, a homofobia social torna essas vítimas mais vulneráveis seja pela clandestinidade e/ou pela culpabilização social.

Mott afirma: “A violência anti-homossexual aumenta se você não faz nada para combatê-la. Nós, homossexuais, como os demais cidadãos, temos o direito de ser o que somos, sem medo e protegidos de qualquer violência” (Mott, 2000, p. 15). Em seu texto, Mott insiste que esses crimes são mantidos na invisibilidade por um complô do silêncio, envolvendo famílias, mídia, autoridades e até a recusa de partes da sociedade em reconhecer a motivação homofóbica.

Daí a ênfase na documentação:

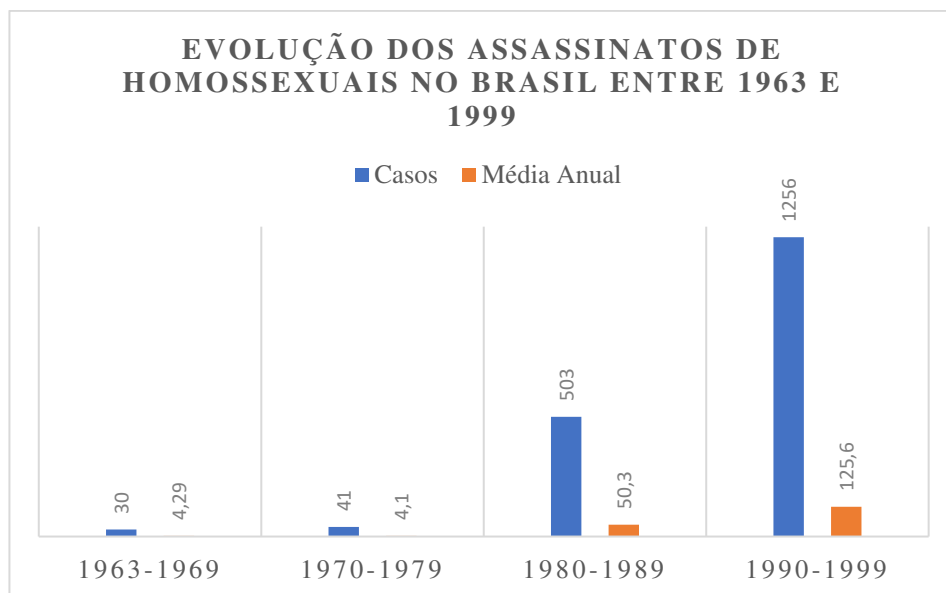
Denunciar a violência diuturna que se abate contra os/as amantes do mesmo sexo é o primeiro passo para a construção de nossa cidadania [...] Realidade encoberta pelo “complô do silêncio” e que necessita ser inadiavelmente denunciada a fim de impedir novas execuções. (Mott, 2000, p. 16).

Ele utiliza a expressão complô do silêncio para descrever como a sociedade, de forma geral, ignora, esconde ou se cala diante dessa violência. Esse silêncio acaba por proteger os agressores e perpetuar os ataques, tornando a violência algo comum e invisível. Mott afirma que é urgente e inadiável quebrar esse silêncio, a denúncia é uma ferramenta essencial para expor a realidade, gerar conscientização e, conseqüentemente, impedir que mais mortes e agressões aconteçam. O silêncio é cúmplice da violência.

O texto *ASSASSINATO DE HOMOSSEXUAIS: Manual de Coleta de Informações, Sistematização & Mobilização Política Contra Crimes Homofóbicos* (2000), apresenta uma tabela-síntese da evolução dos assassinatos de homossexuais no Brasil entre 1963 e 1999, com os seguintes totais por período: 1963–1969: 30 casos; 1970–1979: 41 casos; 1980–1989: 503 casos; 1990–1999: 1.256 casos. A soma total de 1.830 assassinatos documentados entre 1980 e 1999 é destacada pelo autor como expressão de um verdadeiro “genocídio” contra homossexuais no país (Mott, 2000).

O gráfico a seguir sintetiza a evolução dos assassinatos por período, bem como a média anual e torna mais claro a discussão sobre esses dados.

**Gráfico 1** - Evolução dos assassinatos de homossexuais no Brasil entre 1963 e 1999



**Fonte:** Mott, 2000.

A leitura deste gráfico<sup>4</sup> evidencia baixos números absolutos nos anos 1960 e 1970, o que pode refletir tanto menor incidência de registros quanto menor visibilidade da homossexualidade e da própria imprensa policial. Apresenta 503 assassinatos entre 1980–1989, uma média de aproximadamente 50,3 mortes por ano. Evidencia uma agravação na década de 1990, 1.256 casos entre 1990–1999, com média de cerca de 125,6 assassinatos por ano. Se considerar apenas 1980–1999, total de 1.830 assassinatos em 20 anos, a média é 91,5 casos por ano nesse intervalo.

Mott resume essa progressão em termos de frequência temporal:

Entre 1980–1999 o Grupo Gay da Bahia (GGB) documentou a ocorrência de 1830 assassinatos homofóbicos (...). Enquanto na década de 80 matava-se em média um homossexual por semana, na década de 90 subiu para um homicídio a cada três dias, agora, no início do terceiro milênio, essa média agrava-se ainda mais: um homossexual é assassinado a cada dois dias (2000, p. 18).

Mott enfatiza que esses dados representam apenas a ponta do iceberg, uma vez que não há estatísticas oficiais de crimes de ódio no Brasil e que muitas mortes não são noticiadas nem classificadas como casos envolvendo vítimas LGBTQIAPN+ (Mott, 2000). Ou seja, trata-se de um cenário já grave que ainda está subestimado. O texto *ASSASSINATO DE HOMOSSEXUAIS: Manual de Coleta de Informações, Sistematização & Mobilização Política Contra Crimes Homofóbicos* (2000) não é apenas um registro histórico de mortes, mas um instrumento político-pedagógico para a luta contra a violência LGBTQIAPN+, especialmente a partir do marco das décadas de 1980 e 1990, quando se consolida a percepção de que se vive, no país, uma verdadeira guerra anti-homossexual.

O texto *Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil – 2019: relatório do Grupo Gay da Bahia* (2020), organizado por José Marcelo Domingos de Oliveira e Luiz Mott (2020) discute que:

Ao longo dos 40 anos de existência do Grupo Gay da Bahia não faltou esforço para pautar as constantes agressões sofrida por pessoas LGBTQ no Brasil e, o mais grave, as mortes violentas têm absorvido muito dessa energia, quer na pesquisa, sistematização e esforço para demonstrar o grau de vulnerabilidade a qual este segmento encontra-se exposto (2020, p. 30).

---

<sup>4</sup> A leitura do gráfico em análise ilustra visualmente a tendência de crescimento da violência e permite traçar um panorama da evolução dos números absolutos de homicídios ao longo de quatro décadas, evidenciando uma tendência de crescimento acentuado a partir dos anos 1980.

Os dados coletados a partir do texto organizado por Oliveira e Mott (2020) demonstram uma evolução preocupante dos casos de mortes violentas ao longo das duas primeiras décadas do século XXI. No ano 2000, foram registradas 130 mortes de pessoas LGBTQIAPN+, um número já alarmante que indicava a gravidade do problema. Ao longo da primeira década do século, observou-se oscilação nos números, apesar da tendência crescente, o texto revela que “houve inexplicável redução em alguns anos, notadamente em 2006 e 2013, precedendo, portanto, a mesma anomalia observada em 2019” (Oliveira, 2020, p. 33), os menores números da série histórica disponível.

A partir de 2008, no entanto, iniciou-se uma tendência crescente preocupante. O ano de 2008 registrou 187 mortes, enquanto 2009 apresentou 199 casos. A década de 2010 foi marcada por uma escalada brutal da violência: em 2010, foram 260 mortes; em 2011, 266; e em 2012, o número saltou para 338 casos. Esta tendência crescente manteve-se ao longo da década, com pequenas oscilações, atingindo o pico em 2017, quando 445 pessoas LGBTQIAPN+ foram vítimas de mortes violentas no Brasil.

Nos anos subsequentes, observou-se uma redução nos números absolutos, embora os valores permanecessem extremamente elevados. Em 2018, foram registradas 420 mortes, e em 2019, 329 casos. O Relatório aponta que “em 2019, o Governo Federal comemorou a redução em 19% no número de homicídios no país vis-à-vis 2018, observando-se a mesma tendência no segmento LGBT, quando morreram menos 91 pessoas em relação aos 420 casos de 2018, contra 329, em 2019, a queda de mortes chega a 21,67%” (Oliveira, 2020, p. 33). Essa redução foi acompanhada por um desenvolvimento legal positivo quando “o Supremo Tribunal Federal, em 2019, julgou a Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) 26, ao reconhecer o crime de homofobia como prática de racismo e passível de ser aplicada a Lei nº 7.716/89” (Oliveira, 2020, p. 35). Entretanto, a interpretação dessa redução é complexa, como observa os autores Oliveira e Mott, pois:

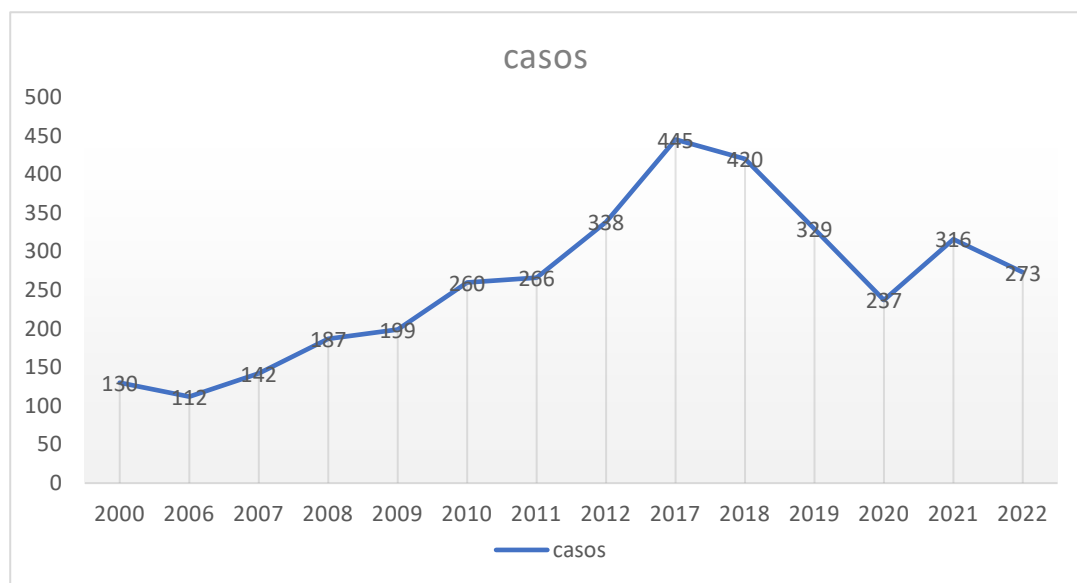
A redução do número de mortes é considerada pelo Grupo Gay da Bahia como um dado animador, mas sabemos ainda pouco dos condicionantes que levaram a esta inversão no curso de crescimento do número de vítimas, por isto, a postura de redourar os esforços para compreender a dinâmica desses crimes, com ações educativas de combate a homofobia estrutural e a busca de promoção de políticas públicas voltadas a cidadania LGBT. (2020, p. 34)

O período compreendido entre 2000 e 2019 apresenta uma evolução preocupante no número de mortes violentas. De acordo com a Tabela 1 do Relatório do GGB 2019, “entre o ano de 2000 a 2019, a série de dados permite visualizar os casos de mortes de LGBT vítimas

de mortes violentas no Brasil, possibilitando acompanhar sua preocupante evolução e agravamento ao longo dessas últimas duas décadas” (Oliveira, 2020, p. 35). O total de 4.809 mortes registradas neste período estabelece um padrão alarmante de violência estrutural. É importante notar que “Triste estatística 4.809 cidadãos e cidadãs brasileiros foram vítimas mortais da intolerância, ódio e descaso das autoridades que poderiam ter construído ao longo desse período políticas públicas de enfrentamento e contenção da escalada de tão grave drama dos nossos tempos” (Oliveira, 2020, p. 33).

O gráfico a seguir, configura um compilado dos dados discutidos nos parágrafos anteriores. É elaborado com objetivo de permitir aos leitores lidar com os grandes volumes de dados e identificar padrões que não seriam perceptíveis por meio de análises puramente qualitativas.

**Gráfico 2** - Número De Mortes Violentas De LGBTIAPN+ No Brasil Entre 2000 a 2022



**Fonte:** ACONTECE ARTE E POLÍTICA LGBTI+; ANTRA; ABGLT. Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022. Florianópolis, SC: Acontece; ANTRA; ABGLT, 2023.

A análise dos dados apresentados revela um panorama sombrio de violência estrutural contra a população LGBTQIAPN+ no Brasil. A série temporal de 2000 a 2022 demonstra que, apesar de oscilações anuais, os números continuam alarmantes, situando o Brasil como um dos países mais violentos para essa população.

### **3 IDENTIDADE E HOMOAFETIVIDADES: do real ao imaginário**

A relação entre identidade e homoafetividade constitui um campo complexo de investigação, manifestando-se tanto nas vivências concretas dos sujeitos quanto nas representações simbólicas presentes na literatura e na cultura. Nesta seção busca-se estabelecer um diálogo entre os conceitos teóricos de identidade e homoafetividade, examinando como essas construções se articulam no plano da realidade social e no universo simbólico das representações literárias, com base nos textos de Candido (1981), Rabelo; Nascimento (2013), Butler (2019) e Oliveira (2021), que tratam da literatura brasileira de temática homoafetiva.

O imaginário cultural sobre as homoafetividades constitui-se através de representações simbólicas que circulam em diversos campos, sendo a literatura um dos espaços privilegiados para a produção e circulação dessas imagens. A literatura contemporânea de temática homoafetiva estabelece pontes complexas entre o real e o imaginário, funcionando simultaneamente como registro de experiências vividas e como espaço de criação de novos imaginários possíveis. As narrativas contemporâneas frequentemente adotam estratégias de escrita de si, utilizando narradores em primeira pessoa que relatam experiências que guardam proximidade com as vivências de sujeitos homoafetivos reais.

No plano da realidade social, a identidade homoafetiva se manifesta através de vivências marcadas por experiências de preconceito, discriminação, violência, mas também por processos de resistência, criação de comunidades e luta por direitos. A literatura documenta amplamente essas experiências, mostrando como os sujeitos homoafetivos desenvolvem estratégias de sobrevivência e construção identitária em contextos adversos.

#### **3.1 Identidades homoafetivas: conceitos e descrição**

A identidade pode ser compreendida como um processo dinâmico, construído através de práticas discursivas e performativas que se dão em contextos históricos e culturais específicos. Não se trata de uma essência fixa ou pré-determinada, mas de um conjunto de identificações que os sujeitos estabelecem ao longo de suas trajetórias, negociando constantemente com as normas sociais e os sistemas de poder que regulam as possibilidades de existência.

A compreensão contemporânea de identidade afasta-se das concepções essencialistas que prevaleceram no pensamento ocidental desde o Iluminismo. Conforme demonstra a teoria proposta por Judith Butler, a identidade não é uma substância ontológica pré-existente, mas um

efeito produzido. Segundo a autora “essas identidades ditas naturais ou universais são, com efeito, produzidas socialmente ou, de modo mais estrito, discursivamente” (Butler, 2019, p. 446). Essa perspectiva performativa revela que aquilo que consideramos natural ou essencial na identidade é, na verdade, resultado de processos de naturalização de normas culturais específicas.

Stuart Hall contribui para essa discussão ao caracterizar a identidade como desestabilizada, fragmentada e em constante transformação no contexto contemporâneo. Segundo o autor, “O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas em redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo constantemente deslocadas” (Hall, 2014). A identidade, nessa perspectiva, não é fixa nem unitária, mas constituída entre diferentes sistemas de significação. Essa compreensão é fundamental para pensarmos as identidades homoafetivas, que historicamente foram marginalizadas e submetidas a processos de invisibilização e patologização.

A partir da análise de Rabelo e Nascimento (2013), a Teoria da Identidade Social de Tajfel (1983), conforme aplicada aos estudos sobre homoafetividade, permite compreender como os sujeitos negociam suas referências identitárias, de maneira que a “principal estratégia utilizada por este grupo específico é o mascaramento do atributo rejeitado pela maioria e identificador de pertença ao grupo minoritário, ou seja, o ocultamento da orientação sexual. Assim, eles esperam ser reconhecidos, pelo meio social, com a mesma ‘medida’ do heterossexual” (Rabelo; Nascimento, 2013). A partir da vivência cotidiana e das expectativas sociais relacionadas a padrões tradicionais de masculinidade e feminilidade. Essa negociação envolve processos de comparação social, diferenciação intergrupar e estratégias de aceitação ou resistência frente aos discursos normativos.

A homoafetividade manifesta-se tanto como orientação sexual quanto como conjunto de práticas culturais, sociais e afetivas que configuram modos específicos de existência. No contexto brasileiro, a historiografia das práticas homoafetivas é percebida a partir da literatura e remonta ao período colonial, através da poesia satírica de Gregório de Matos, seus textos já registravam a presença de sujeitos com essa orientação sexual, embora sempre sob o signo da condenação moral e religiosa. A prática da sodomia era criminalizada e aqueles identificados como sodomitas enfrentavam severas punições, incluindo exílio e morte.

Ao longo do século XIX e início do século XX, o discurso médico-higienista passa a caracterizar a homossexualidade como doença ou desvio psicológico, substituindo parcialmente o discurso religioso do pecado pela noção científica de patologia. Essa medicalização das

identidades homoafetivas teve profundos impactos na forma como essas subjetividades foram representadas culturalmente e vivenciadas socialmente.

A realidade contemporânea das identidades homoafetivas no Brasil permanece marcada por altos índices de violência, como apontado na seção *Homoafetividade e violência: dados socioantropológicos*. Os relatos de casos de agressões físicas e assassinatos de pessoas LGBTQIAPN+ são frequentes nos meios de comunicação, demonstrando que “os comportamentos discriminatórios contra essas pessoas são ainda, em nossa sociedade, abertos e pouco combatidos” (Mott, 2000). Essa percepção de vulnerabilidade tem consequências importantes para o cotidiano daqueles que se identificam como homoafetivos, levando muitos a adotar estratégias de ocultamento como forma de proteção.

No romance *Cloro*, de Alexandre Vidal Porto, analisado a partir do artigo *Identidades sexuais dissidentes na prosa de Alexandre Vidal Porto*, de Alex Bruno da Silva (2025), a estratégia narrativa do “defunto-autor” permite que o protagonista Constantino revele, após a morte, sua “existência no armário” durante toda a vida. A narrativa explicita como o dispositivo do armário funcionou como mecanismo de defesa e “maneira de driblar uma estrutura sociocultural homofóbica” (Sedgwick, 2007, apud Silva, 2025, p. 19). O romance mostra como Constantino constrói performaticamente uma masculinidade normativa com um casamento, paternidade, sucesso profissional, enquanto relega suas práticas homoeróticas ao espaço privado e oculto.

### **3.2 Breve cartografia da homoafetividade na literatura contemporânea**

A cartografia, enquanto perspectiva metodológica, transcende há muito o campo restrito da geografia. Uma Cartografia da Literatura Contemporânea não se refere à criação de mapas físicos de lugares fictícios, mas sim a uma metodologia crítica e teórica. É uma forma de pesquisadores e críticos tentarem organizar, visualizar e compreender o cenário caótico, fragmentado e em constante expansão da produção literária atual. Na atualidade, conforme Vicente e Silva, “a cartografia passou a ser vista, também, pelo prisma do que se convencionou chamar de filosofia da multiplicidade, uma vez que, a cartografia, de Deleuze e Guattari, busca em diferentes espaços as especificidades necessárias para compor uma área dinâmica” (CEPE/UEG, 2017).

A literatura de expressão homoafetiva constitui um campo de estudos “relativamente embrionários”, como afirma Oliveira, (2023, p. 77), embora o amor entre pessoas do mesmo gênero sempre tenha sido representado “na poesia, na prosa e no teatro, com as configurações

de cada época e também em consonância com a percepção de seus autores e do público que os lia” (Oliveira, 2023, p. 75-95). Como pontua Oliveira, “podemos traçar um painel de cartografias para tal e assim temos um método, um caminho para o estudo da literatura gay” (2023, p. 75).

Apesar dos avanços significativos, nas comunidades tradicionais existe “um pacto de silenciamento sobre a expressão da afetividade, fato evidenciado nas pontuações e cuidados com a escolha lexical dos narradores-personagens, que narram as suas vivências, o que evidencia a dificuldade dos sujeitos gays para falar de si” (Oliveira, 2023, p. 76). Contudo, corroborando com a ideia de Oliveira (2023, p.76) o papel da literatura é precisamente “representar aquilo que falta ou que não pode ser dito, que fora silenciado de um povo”.

A questão mercadológica também afeta a circulação desta produção. Como destaca Hee, “Enquanto todos, editores, livreiros, escritores, sabem que existe um público em potencial, sedento por uma leitura que retrate seu próprio universo, não se fornece a esse público o que ele deseja” (Hee, 2010, p. 42). A cadeia de preconceitos “começa com o editor, que não quer saber de escritores iniciantes, e termina no livreiro, que se recusa a comprar e até mesmo exibir livros homossexuais em seu estabelecimento” (Oliveira, 2023, p. 78).

A partir da década de 1980, destaca-se a produção de Caio Fernando Abreu, João Silvério Trevisan, Waldir Ayala e Silviano Santiago. A escrita de Caio Fernando Abreu traz imagens do noturno e da violência ora simbólica, ora crua contra a comunidade gay. O conto *Terça-feira gorda* exemplifica essa violência homofóbica, narrando uma cena de agressão física que culmina com a imagem “de um figo muito maduro, até esborrachar-se contra o chão em mil pedaços sangrentos” (Abreu, 2018, *apud* Oliveira, 2023, p. 84).

Na primeira década do século XXI, surgem novos nomes na literatura homoafetiva brasileira. Kadu Lago, Nelson Luiz de Carvalho, Roberto Muniz Dias, Ricardo Mesquita, Vinicius Grosso, Milly Lacombe, Léo Dragone, Marcos Alcântara e Marcos Soares, atuantes tanto na prosa quanto na poesia como aponta Oliveira (2023, p.84).

Atualmente a literatura queer contemporânea conta com autores como Stênio Gardel com a obra *A Palavra que Resta*, em que o protagonista é Raimundo Gaudêncio, homem de 71 anos, nascido e criado na roça, que nunca aprendeu a ler nem a escrever. Na velhice, ele decide finalmente se alfabetizar por um motivo muito específico: conseguir ler uma carta que guarda há décadas, escrita por Cícero, o grande amor de sua juventude. Raimundo passa a vida carregando o peso de ser errado aos olhos da família, da igreja e da comunidade. O romance é lido como parte de uma leva de obras que dão voz a subjetividades homoafetivas silenciadas,

deslocando o foco para sujeitos pobres, rurais, velhos e analfabetos, ou seja, fora do centro social e literário.

Em *Outono de Carne estranha* de Airton Souza publicado em 2023, o romance é ambientado no garimpo de Serra Pelada nos anos 1980, um dos episódios mais emblemáticos e controversos da história recente brasileira. A narrativa acompanha a relação homoafetiva entre Manel e Zuza, dois garimpeiros que buscam não apenas ouro, mas também refúgio da solidão em meio à violência e intolerância da época. A relação entre Manel e Zuza é construída em um ambiente de profunda intolerância, onde a homossexualidade é reprimida pela violência social. Ao contrário da maioria das obras queer brasileiras contemporâneas, que frequentemente se concentram em personagens urbanos, Airton Souza coloca no centro da narrativa garimpeiros pobres do interior nordestino e situa a homoafetividade no universo violento do garimpo, ampliando o leque de representações da experiência homoafetiva no Brasil. Assim, esta obra torna-se corpus deste Trabalho de Conclusão de Curso, buscando colaborar com a ideia de Oliveira (2023), gays saem da invisibilidade para a visibilidade social, assim como a literatura que deles trata.

#### 4 HOMOAFETIVIDADES EM OUTONO DE CARNE ESTRANHA

Ao analisar a obra *Outono de Carne Estranha* de Airton Souza e pensar sobre a construção da homoafetividade em meio a um cenário como o garimpo de Serra Pelada e o homoafetividade utilizado na narrativa de Souza, torna-se necessário pensar sobre como os estudos de gênero e de sexualidade vêm ganhando espaço nos ambientes acadêmicos, apesar de ainda ser considerado constrangedor para discutir-se.

Os traços normativos do que é ser homem estão postos em xeque, assim, a obra *Problemas de Gênero: Feminismo e a Subversão da Identidade* de Judith Butler servirá de base para esse estudo. Em sua obra, Judith, desafia as concepções estabelecidas sobre sexo, gênero e desejo, que propõe análises críticas e garante contribuições ao desconstruir a chamada matriz heterossexual, um sistema regulatório que não apenas privilegia a heterossexualidade, mas também define os próprios termos pelos quais o gênero e o desejo se tornam fáceis de compreender. Dessa forma, Butler analisa como a homossexualidade e o desejo entre iguais não se configuram como uma busca por uma identidade fixa ou essência homoafetiva, mas como uma investigação das normas que produzem e marginalizam essas experiências, e das possibilidades subversivas que elas podem conter, assim como percebidas em *Outono de Carne Estranha* de Airton Souza.

O ponto de partida para compreender a abordagem de Butler sobre o desejo entre iguais é a crítica à heterossexualidade compulsória, é um termo que descreve a pressão social e cultural e que impõe a heterossexualidade como a norma e o padrão aceitável de relacionamento e identidade sexual, como retratada em Serra Pelada pelo autor Airton Souza. Serra Pelada é um microcosmo de violência e exploração, um ambiente onde a masculinidade é performada de maneira extrema e frequentemente tóxica. Butler, argumenta que a compreensão do gênero é profundamente moldada por uma estrutura que pressupõe e impõe a heterossexualidade como norma:

[...] são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só são concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual. (Butler, 2022, p. 43).

Há uma matriz heterossexual que é imposta, e funciona como um quadro epistêmico que estabelece uma coerência casual e expressiva entre sexo biológico, gênero cultural e desejo sexual, onde se espera que o corpo sexuado masculino expresse um gênero masculino e deseje um corpo feminino, e vice-versa. Qualquer desvio dessa norma é frequentemente associado à esfera do não natural.

Judith Butler argumenta que gênero não é uma essência interna, mas uma performance, uma série de atos repetidos e estilizados que produzem a ilusão de uma identidade estável e natural. A obra de Souza oferece a possibilidade de explorar essa performance, principalmente ao pensar nesse ambiente hipermasculinizado como o garimpo, onde as normas de gênero são rígidas, mas também subvertidas. Para Foucault, como apresenta Butler (2022), os corpos são obrigados a significarem a lei que interdita como sua própria essência. Butler intensifica a posição de Foucault, corroborando que o ideal regulador nada mais é que uma norma de ficção que encontra disfarce na lei e passa a regular o corpo sexual.

Em outras palavras, atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. (Butler, 2022, p.235)

Isso demonstra que a estilização do corpo e as inscrições corporais são frutos de uma realidade fabricada. Os corpos dos garimpeiros, embora explorados e violentados, são também locais de resistência e reconfiguração identitária. As relações homoeróticas que emergem neste contexto desafiam a matriz heterossexual compulsória descrita por Butler (2022). A relação entre Manel e Zuza, por exemplo, não se encaixa facilmente em categorias predefinidas de identidade sexual ou de gênero. É performada no segredo, no espaço precário que, ainda sim constitui uma forma de desejo que subverte as expectativas.

#### 4.1 Airton Souza e a luzes sobre o homoafeto em um tempo e lugar hostis

Serra Pelada, localizada no sudeste do Pará, tornou-se um dos episódios mais emblemáticos da história brasileira recente. Durante a década de 1980, milhares de homens migraram para o garimpo com o sonho de bamburrar, ou seja, encontrar ouro e enriquecer rapidamente. O romance de Airton Souza situa sua narrativa nesse contexto específico, transformando o espaço geográfico em elemento simbólico fundamental.

O garimpo é apresentado na obra como um *locus horrendus*, um inferno lodoso onde a exploração humana alcança dimensões dantescas. Segundo Felipe (2020), *locus horrendus* é:

Ou locus horribilis são expressões provenientes da Antiguidade. Por meio desse recurso, lugares tenebrosos reais ou fictícios ganhavam projeção discursiva e/ou imagética. Como inverso do locus amoenus retratado nos gêneros líricos e bucólicos, esse expediente descritivo buscava evidenciar, valendo-se de recursos retóricos como a éfrase, o mundo dos mortos, ilhas despovoadas, florestas sombrias, grutas desprovidas de luz, ambientes cavernosos grotescos, tempestades em alto-mar etc. (2020, p. 2).

Em termos gerais, trata-se de um cenário marcado por perigo, violência, morte, degradação ou desolação, que materializa no espaço físico uma atmosfera de medo, angústia ou caos moral na narrativa. Esta, descreve a cava como um buraco imenso formado por paredes de terra amarelada, onde garimpeiros sobem e descem incessantemente as escadas improvisadas conhecidas como adeus-mamãe, uma nomenclatura que remete ao “último e possível pensamento do garimpeiro que desse um passo em falso e sofresse uma queda fatal das paredes da cava” (Silva, 2024, p. 122). Este espaço opressivo torna-se ainda mais hostil pela presença autoritária do marechal e seus bate-paus, que impõem uma lei própria, transformando Serra Pelada em território de exceção onde a violência é normalizada.

A descrição do espaço na obra não é meramente referencial, mas profundamente simbólica. Como afirmado no excerto seguinte, “os espaços físicos perdem sua referencialidade imediata e transubstanciam-se em lugares simbólicos que visam representar a interioridade e os estados subjetivos de narradores e personagens” (Silva, 2024, p. 123). O cheiro de melechete<sup>5</sup> e mercúrio impregna não apenas o ambiente físico, mas também os corpos e as subjetividades dos garimpeiros, criando uma atmosfera de degradação material e espiritual.

---

<sup>5</sup> No contexto do garimpo, tem-se melechete como uma lama, uma mistura de areia e água, que sai quando se tritura a pedra em um moinho para extração de minérios.

A narrativa situa-se temporalmente na década de 1980, período marcado por transformações políticas no Brasil, em que a redemocratização gradual após anos de ditadura militar e pela explosão da corrida do ouro em Serra Pelada. Este contexto histórico específico é fundamental para compreender as camadas de opressão que perpassam a obra.

Como observa Silva (2024), o romance “figura como uma epopeia íntima do sofrimento, da evasão, do desejo dilacerante, do corpo masculino degradado, e do resgate da história do garimpo de Serra Pelada, para sempre uma cicatriz apenas parcialmente fechada, no meio da floresta amazônica”. A partir das leituras e reflexões feitas, nota-se que a escolha deste período não é casual, Serra Pelada tornou-se símbolo da ambição desmedida, da exploração humana e da ausência de regulamentação estatal efetiva, criando um cenário onde a lei do mais forte prevalece.

A temporalidade narrativa, contudo, não segue estrutura linear convencional. Organizado em dezessete capítulos curtos, o romance apresenta “disposição romanesca” que “remete própria sequência desorganizada e mais ou menos geométrica dos barrancos de extração no interior de Serra Pelada” (Silva, 2024, p. 123). Esta escolha estrutural mimetiza a experiência fragmentada e caótica da vida no garimpo, onde o tempo parece suspenso entre a espera pelo bamburro<sup>6</sup> e a repetição exaustiva do trabalho nas cavas.

Um dos procedimentos mais originais de Souza é a constante analogia entre o espaço físico do garimpo e o corpo masculino, criando o que Silva (2024) denomina geomorfia. O autor observa que:

Nessa premissa, um dos componentes líricos mais significativos de *Outono de carne estranha* é a reiterada analogia entre o erotismo pungente do romance, e o espaço geográfico e geomórfico de Serra Pelada [...] As analogias líricas entre erotismo e o garimpo de Serra Pelada tornam-se mais claras quanto mais se percebe que o motivo que levou aqueles homens para um lugar tão primevo é simplesmente a pulsão, o desejo de bamburrar, de enriquecer – passar repentinamente de um estado a outro, isto é, da falta e da precariedade para a prosperidade – assim como desloca-se do corpo estático para o corpo acordado pelo desejo. (Silva, 2024, p. 123-124, grifo nosso)

A relação entre corpo e terra culmina na analogia da concavidade da cava com o corpo de Zuza: “Quando deitava, deixando o corpo menos estirado possível, no meio da rede, boa parte das carnes de Zuza refazia uma concavidade semelhante cava do garimpo, meio circumspecta” (Souza, 2023, p. 23). Esta fusão metafórica não é meramente estilística, mas

---

<sup>6</sup> A palavra bamburro é uma variação informal para a palavra “bambúrrio” que, segundo o dicionário aurelio significa: Êxito feliz e inesperado (principalmente no jogo); Sorte, acaso.

expressa a própria condição dos garimpeiros enquanto corpos explorados, moldados e degradados pela terra que escavam.

#### **4.2 Performances amorosas de Manel e Zuza**

Manel é apresentado como um homem casado, pai de dois filhos, que deixou Trizidela do Vale, no Maranhão, rumo a Serra Pelada com o objetivo de enriquecer e construir “uma casa com alvenaria de oito furos e a cobertura com telha de brasil” (Souza, 2023, p. 45). Sua trajetória revela as tensões entre o dever familiar, o sonho do bamburro e o desejo homoafetivo que emerge de forma avassaladora em sua relação com Zuza. O personagem encarna as contradições de um homem dividido entre expectativas sociais heteronormativas e pulsões afetivas dissidentes.

Na construção da personagem, Airton Souza utiliza recursos líricos para expressar a interioridade conflituosa de Manel. Durante a primeira cena sexual com Zuza, o narrador descreve uma sobreposição de imagens, o ato sexual e o trabalho no garimpo, revelando como Souza entrelaça erotismo e espaço, o corpo masculino e a terra de Serra Pelada tornam-se metaforicamente indissociáveis.

Manel também demonstra consciência política ao murmurar: “Desde quando o marechal chegou aqui, é ele quem decide como vão ser as coisas. Ele é a ordem e isso não é nada bom pra nós” (Souza, 2023, p. 39). Esta fala evidencia uma crítica ao autoritarismo que perpassa o romance, estabelecendo paralelos com o contexto político brasileiro da época, ainda marcado pelos resquícios da ditadura militar.

Zuza configura-se como a figura central da dissidência no romance. Proibido pelo marechal de trabalhar na cava, presumivelmente por sua homossexualidade manifesta, ele sobrevive lavando roupas dos garimpeiros, uma atividade considerada feminina no ambiente hiper-masculinizado do garimpo. Como se lê em: “Zuza é a corporalidade queer do romance, a figura que questiona os preceitos e políticas estabelecidas de masculinidade e virilidade dentro do garimpo” (Silva, 2024, p. 128).

A representação de Zuza é marcada por elementos que desafiam as normas de gênero. Ele recebe de Manel um diadema roubado de uma prostituta, objeto que simboliza a ternura e a feminilidade que o personagem não pode expressar livremente. Em determinado momento da narrativa, Zuza chega a imaginar “como seria carregar um filho de Manel dentro de si” (Souza, 2023, p. 176), fantasia que subverte radicalmente as possibilidades biológicas e sociais, evidenciando a profundidade de seu desejo e afeto.

A personagem também mantém forte ligação com a avó, figura que representa a espiritualidade popular e a sabedoria tradicional. Zuza frequentemente recorre à memória da velha que joga no jogo do bicho e reza suas orações simples. Esta conexão com o feminino ancestral reforça sua posição como corpo estranho no universo do garimpo.

#### **4.3 Fechando a cortina:** o silenciamento do homoafeto em *Outono de carne estranha*

A masculinidade apresentada em *Outono de Carne Estranha* de Airton Souza, não se manifesta apenas através da força física e da resistência, mas também exibe traços claros do que se compreende como masculinidade tóxica. Um dos aspectos mais evidentes na obra é a extrema supressão emocional e a necessidade de sigilo, especialmente no que diz respeito a afetividade e a sexualidade que fogem à norma heterossexual, percebidas no trecho:

Ao voltar a abrir os olhos, de súbito sentiu vontade de passar as mãos nas costas de Zuza, indo de cima a baixo. Acariciando o que ele imaginou ter sido talhado nas manhãs neblinadas de Serra Pelada. Não teve coragem. Arfou um pouco. Deixou o olhar vagar nas palhas escuras que cobriam o casebre de seu homem até sucumbir em si mesmo a vontade de acariciá-lo. (Souza, 2023, p. 14).

A relação entre Manel e Zuza é vivida na clandestinidade absoluta, Manel controla seus gemidos, não por pudor pessoal, mas pelo medo constante da descoberta. Essa necessidade de esconder a própria existência e o afeto demonstra como o garimpo, regido por códigos viris rígidos evidencia uma homofobia internalizada e social vivida pelos personagens.

Ao pensar nesse contexto e ao analisar *Outono de Carne Estranha* de Airton Souza, revelam-se as relações não-normativas que, emergem e sobrevivem sob o regime do segredo, também da violência e dos duplos vínculos, pois, há a necessidade de esconder contra a impossibilidade de apagar o desejo que, vinculam-se à perspectiva de Sedgwick sobre a epistemologia do armário.

A análise de Eve Kosofsky Sedgwick sobre a *Epistemologia do Armário* é particularmente relevante para compreender as dinâmicas do segredo, revelação e desejo homoerótico em *Outono de Carne Estranha* de Airton Souza. Sedgwick argumenta que armário não é apenas um espaço de ocultação para indivíduos LGBTQIAPN+, mas uma estrutura discursiva e social complexa que organiza o conhecimento e o poder na sociedade, como ressalta no trecho:

[...] grande parte da energia de atenção e demarcação que girou em torno de questões relativas à homossexualidade desde o final do século XIX, na Europa e nos EUA, foi impulsionada pela relação distintivamente indicativa entre homossexualidade e mapeamentos mais amplos do segredo e da revelação, do privado e do público, que eram e são criticamente problemáticos para as estruturas econômicas, sexuais e de gênero da cultura heterossexista como um todo; mapeamentos cuja incoerência capacitadora, mas perigosa, foi condensada de maneira opressiva e duradoura em certas figuras da homossexualidade. (Sedgwick, 2007, p. 26).

Assim, fica evidente um torturante sistema que oprime sistematicamente pessoas, identidades e atos gays ao enfraquecer, por meio de discursos contraditórios. Em Serra Pelada, o desejo homoerótico existe sob o segredo e da constante ameaça de violência caso seja revelado explicitamente. A relação entre Manel e Zuza, embora intensa, é vivida na penumbra, marcada pela tensão entre a necessidade de ocultação.

Para indivíduos LGBTQIAPN+, o armário é uma presença formadora. Mesmo para aqueles que se consideram “assumidos”, a necessidade de gerenciar informações sobre sua sexualidade persiste em diversos contextos sociais e profissionais. Sedgwick aponta que “a elasticidade mortífera da presunção heterossexista significa que [...] as pessoas encontram novos muros que surgem à volta delas até quando cochilam” (Sedgwick, 2007). Cada nova interação social, seja com alguém próximo ou desconhecido, pode construir um novo “armário”, exigindo novos cálculos sobre sigilo e exposição. Isso demonstra como o armário não é um evento único de “saída”, mas um processo contínuo de negociação e renegociação da identidade em face uma sociedade que constantemente busca categorizar e controlar a sexualidade. A própria constituição da identidade queer, das relações e do acesso à sociedade é moldada por essa estrutura, que dita o que pode ser dito, a quem e em que circunstâncias, impactando profundamente a subjetividade e os atos dos indivíduos.

A teoria de Sedgwick ressalta que a identidade queer é frequentemente performativa, ou seja, ela é construída e expressa através de atos e comportamentos que podem ou não corresponder à verdadeira identidade do indivíduo. Em *Outono de Carne Estranha* de Airton Souza, Manel e Zuza são exemplos dessa performance forçada. No ambiente hostil de Serra Pelada, onde a masculinidade e a heterossexualidade são rigidamente impostas, a sobrevivência dos dois garimpeiros depende da performance de uma masculinidade heterossexual em público. O texto de Airton Souza ilustra essa necessidade de ocultamento e dissimulação de forma visceral, como no trecho:

Os dois homens, nuzinhos, trancados no único cômodo do barraco de Zuza, tentavam, de qualquer maneira, atravessar os fonemas das palavras bateia e bamburro, abraçadas, diariamente, às carnes deles. Zuza e Manel buscavam compreender os sentidos dos horizontes se distanciando dos igapós e de deus. No entanto, permaneciam em silêncio porque qualquer barulho poderia ser escutado pelos garimpeiros que dormiam nos barracos próximos. (Souza, 2023, p. 13).

O medo da descoberta é uma constante na vida de Manel e Zuza. Suas interações íntimas ocorrem em segredo, sob o véu da noite e dentro dos limites de um barraco isolado. A narrativa enfatiza a necessidade de silêncio e discrição para evitar serem ouvidos por outros garimpeiros. “Para não gemer alto, manteve os lábios entreabertos. Vagarosamente precipitou a língua sobre o céu da boca. De vez em quando, deixava sair, por dentre os dentes, uns grunhidos bem baixinhos, evitando que os outros garimpeiros pudessem ouvi-los foder” (Souza 2023). Essa passagem demonstra a autocensura e o controle corporal que Manel precisa exercer para manter o segredo de sua relação com Zuza. A intimidade, que deveria ser um espaço de liberdade e expressão, tornou-se um ato de resistência e ocultação.

Pensando nesse contexto, a performance não se limita aos momentos de intimidade. A vida diária de Manel e Zuza é uma encenação contínua. Manel ao sair do barraco de Zuza, adota uma postura que visa apagar qualquer vestígio de sua sexualidade não-normativa:

Antes de atravessar de vez a porta, Manel conseguiu, às pressas, um jeito de deixar as unhas polidas, usando pequenos gravetos retirados das palhas. Vestiu sua calça de tergal vermelha. Dobrou parte das pernas dela para não empoeirá-las. Calçou a sapatilha de couro cru amarronzado. Passou repetidas vezes as duas mãos no cabelo até sentir que os fios estavam quase penteados... (Souza, 2023, p. 15).

Essa descrição detalhada das ações de Manel ao se arrumar para sair do barraco de Zuza revela a preocupação com que ele constrói sua persona pública, buscando se adequar às expectativas de masculinidade do ambiente. O cuidado com a aparência, e com a vestimenta não é apenas questão de vaidade, mas uma estratégia de sobrevivência, uma forma de se camuflar e evitar a detecção.

Mesmo a expressão de amor mais básica é suprimida na intimidade dos dois. Manel sente vontade de dizer “te amo” a Zuza, mas essa vontade é sufocada pelo medo e pela necessidade de manter o segredo: “na vontade de dizer “te amo”, sem medo” (Souza, 2023, p. 15). Essa frase envolve a dor da supressão do afeto e a impossibilidade de expressar livremente o amor em um ambiente hostil que molda sua personalidade. A performance da masculinidade

heterossexual é uma armadura que Manel é forçado a vestir para navegar no mundo, uma máscara que esconde sua verdadeira identidade e sentimentos. Essa constante encenação gera um custo emocional e psicológico imenso, pois exige a negação de uma parte de si mesmo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso buscou analisar a representatividade homoafetiva em *Outono de Carne Estranha* de Airton Souza, rastreando como uma obra literária contemporânea articula dimensões teóricas complexas, com a realidade material de corpos explorados em um contexto de violência múltipla, a partir da ideia da performatividade de gênero, da epistemologia do armário e buscando traçar uma historiografia literária. A pesquisa demonstrou que a narrativa de Souza não é um simples exercício de representatividade, mas um ato político de resistência que inscreve vidas marginalizadas no registro literário e acadêmico.

Historicamente, a literatura homoafetiva brasileira, predominantemente, retratou personagens em ambientes urbanos. Ao analisar *Outono de Carne Estranha*, esta monografia expande radicalmente esse campo ao demonstrar que experiências homoafetivas também ocorrem em contextos rurais, precários e marcados por intensa exploração. Manel e Zuza não são personagens em um contexto urbano, mas garimpeiros pobres que constroem suas intimidades entre um sistema que visa sua desumanização.

Essa expansão é crucial para os estudos de literatura homoafetiva brasileira, pois questiona implicitamente uma possível elitização do discurso sobre identidades dissidentes. A escolha de personagens maranhenses, especificamente um de Trizidela do Vale, vizinha a Pedreiras, também reforça uma conexão local que confere legitimidade e relevância ao trabalho no contexto da Universidade Estadual do Maranhão.

*Outono de Carne Estranha* é uma obra recente que permanece fora dos circuitos acadêmicos consolidados. Analisar essa obra em monografia confere ao trabalho um caráter de descoberta e mapeamento, essencial para a produção de conhecimento literário.

O trabalho busca não apenas citar teorias, mas as mobilizar de forma integrada. A progressão argumentativa, começando com historiografia, passando por conceitos teóricos, e culminando em análise textual específica, busca sugerir uma melhor compreensão para o leitor.

Esta monografia ocupa um espaço pouco explorado anteriormente nos estudos de literatura homoafetiva brasileira. Assim, contribui para a visibilidade de autores como Airton Souza que exploram novas fronteiras da representatividade. Os desafios como dados escassos,

ou poucas análises amplas e específicas da literatura homoafetiva contemporânea não minam a qualidade fundamental do trabalho, mas apontam direções viáveis para sua contribuição à ciência.

O trabalho não apenas analisa uma obra literária, mas intervém no campo de conhecimento ao demonstrar que a literatura homoafetiva brasileira não pode ser compreendida sem referência à violência estrutural que marca a experiência LGBTQIAPN+, especialmente daqueles em situação de vulnerabilidade econômica e social. Nesse sentido, *Outono de Carne Estranha* surge como documento de resistência ao inscrever as dores, os silenciamentos e as possibilidades de existência que desafiam a norma. Portanto, a obra reafirma o poder da literatura como espaço de denúncia, memória e reconfiguração dos corpos marginalizados.

## REFERÊNCIAS

- ACONTECE ARTE E POLÍTICA LGBTI+; ANTRA; ABGLT. **Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022**. Florianópolis, SC: Acontece; ANTRA; ABGLT, 2023.
- ASSIS, L. S. de; Neto, M. M. de M. Uma breve discussão sobre a homoafetividade em obras da Literatura Brasileira. **Rev. C&Trópico**, v. 48, n. 1, p.149-170, 2024.
- BORGES, Guilherme Pereira Rodrigues. Tradução de literatura *queer* brasileira: uma análise da antologia *Cuíer* (2021). **Revista de Literatura, História e Memória**. Cascavel. v. 20, n. 35, p. 1-23, ago/2024, p 4.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e a Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- COELHO, Elza Berger Salema; SILVA, Anne Carolina Luz Grüdtner; LINDNER, Sheila Rubia (org.). **Violência: definições e tipologias**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.
- COSTA, J. F. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- LOPES, D. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- MOTT, Luiz. **Assassinato de homossexuais: manual de coleta de informações, sistematização e mobilização política contra crimes homofóbicos**. Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2000.
- OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; MOTT, Luiz. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil – 2019: relatório do Grupo Gay da Bahia**. [S.l.: s.n.], 2020.
- OLIVEIRA, Rubenil da Silva. Literatura Gay e a abordagem dos Estudos Culturais. **Revista Narrares**, V.1, N.2, Jul-Dez, 2023, pp. 75-95.
- OLIVEIRA, Rubenil da Silva. HISTORIOGRAFIA DA LITERATURA HOMOAFETIVA NO BRASIL: formação do sistema literário, da colonização à atualidade em três poemas. **Afluentes: Revista de Letras e Linguística**, São Luís, v. 6, n. 19, p. 241-262, jul./dez. 2021.
- RABELO, Aline Aparecida; NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do. Vivência do preconceito e construção da identidade para homens homoafetivos. **Psicologia e Saber Social**, v. 2, n. 1, p. 131-141, 2013.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. Trad. Plínio Dentzien; Rev. Richard Miskolci e Júlio Assis Simões]. Cadernos Pagu, 2007.
- SILVA, Alex Bruno da. Identidades sexuais dissidentes na prosa de Alexandre Vidal Porto. In: SILVA, Edimar Pereira da; CAMARGO, Flávio Pereira (org.). **Gêneros e sexualidades dissidentes na narrativa brasileira contemporânea: livro eletrônico**. 2. ed. Goiânia, GO: Cegraf UFG, 2025. p. 10-30.

SILVA, Claudimar Pereira. “Subindo as escadas adeus-mamãe”: formas do desejo e do romance lírico em *Outono de carne estranha*, de Airton Souza. **Scripta Uniandrade**, Curitiba, v. 22, n. 1, p. 115-130, 9 ago. 2024, p. 128.

SOUZA, Airton. **Outono de Carne Estranha**. Record, 2023.

VICENTE, Bruna Gabriela Corrêa; SILVA, Débora Cristina Santos e. A Cartografia de Deleuze e Guattari como metodologia de pesquisa, 2017, p. 02. In: **CONGRESSO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS (CEPE/UEG)**, 4., 2017. Anais [...]. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2017. v. 4. Tema: Como você transforma o mundo?